



## *“História Cultural”*

*Coordenadoras:*

*Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos & Profa. Dra. Mariana  
Moreira Neto*

## **A PROSTITUIÇÃO E A IGREJA NO MEDIEVO OCIDENTAL**

*Ângelo Lauro Lima Gomes<sup>207</sup>*

*“O Homem medieval, se dirige a mulher como se dirige a latrina : para satisfazer uma necessidade”. Jacques Rossiaud*

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo analisar as relações existentes entre a prostituição e a igreja católica medieval no ocidente. A partir de uma análise apurada da documentação, é possível obter algumas respostas cruciais para questionamentos que historicamente despertam a curiosidade tanto de um público religioso quanto secular. A prostituição, historicamente colocada como um assunto tabu, nesse artigo é desmistificada, sendo colocado as claras os interesses existentes entre a Igreja e a sua perpetuação, assim sendo, ela é vista pelos religiosos como um mal necessário. Para chegar-se a essa conclusão, foram analisados aspectos sociais, institucionais, consuetudinários, religiosos, jurídicos e econômicos explicitados de forma clara em todo o artigo. Metodologicamente didático o presente artigo aborda as relações sociais existentes entre os grupos sociais majoritários representados pelos religiosos e os minoritários representado pelas prostitutas, discorre a respeito do controle sexual exercido pela igreja

---

<sup>207</sup> Aluno graduando no curso de História (Licenciatura) da Universidade Federal de Campina Grande (UFMG)

com os seus fiéis enaltecendo o celibato e a virgindade, enfatiza o papel exercido pela mulher medieval, descreve a cerimônia matrimonial etc. Disto isto, este artigo pretende de forma modesta, problematizar e provocar algumas reflexões acerca do tema em questão, visando assim, quebrar paradigmas trazendo ao leitor uma nova perspectiva a respeito de um tema que até os dias atuais é considerado tabu.

**Palavras-chave:** Prostituição, Igreja, Tabu, Desmistificada

## **INTRODUÇÃO**

Antes de abordarmos o tema propriamente dito é necessário situar o leitor em relação ao contexto histórico a qual discorre o tema do artigo em questão, levando em consideração a conjuntura vigente e a mentalidade reinante.

No contexto histórico medieval, onde a igreja desempenha um papel preponderante nas relações sociais influenciando assim na construção de uma mentalidade onde dicotomias como o sagrado e o profano, o bem e o mal, o moral e o imoral fazem parte do inconsciente coletivo pautando a forma pela qual se desenvolve o comportamento humano, o presente artigo, visa abordar um grupo minoritário marginalizado representado pelas prostitutas e a sua relação com uma sociedade medieval predominantemente misógina e preconceituosa que busca segrega-las de forma intensiva da população em geral. Nessa sociedade a Igreja católica com todo o seu poderio desempenha um papel fundamental na perpetuação da marginalização dessas prostitutas classificando-as como seres inferiores. O historiador Jeffrey Richards explicita de forma clara o poder da igreja medieval nessa passagem:

A igreja católica na idade média era uma organização totalitária. Tinha um corpo doutrinário definido e abrangente, uma hierarquia organizada, rituais estabelecidos e uma visão clara de sua autoridade e responsabilidade. Qualquer divergência em relação a estes fundamentos constituía um desafio a ordem temporal divinamente ordenada e não podia, portanto, ser tolerada<sup>208</sup>

Vale Salientar que não apenas as prostitutas eram vistas como seres “inferiores” mas as mulheres de forma geral, pois segundo a Igreja elas carregavam consigo o estigma do pecado original vinculado a Eva. Segundo Jeffrey Richards:

A mulher era filha e herdeira de Eva, a fonte do pecado Original e um instrumento do diabo. Era a um só tempo inferior (uma vez que fora criada da costela de Adão) e diabólica (uma vez que havia sucumbido a serpente,

---

<sup>208</sup> RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação: as minorias na idade média**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993. p. 53.

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG**

fazendo com que Adão fosse expulso do paraíso, além de ter descoberto o deleite carnal e o ter mostrado a Adão)<sup>3209</sup>

Algumas mulheres entravam na prostituição por terem uma convivência familiar intolerável, já que nessas famílias não eram raros os casos de incestos e violências, elas vislumbravam encontrar nessa nova realidade um refúgio capaz de acolhe-las, dando-as suporte emocional e estabilidade financeira. Para ter uma ideia do poder repressivo normativo da Igreja perante a família medieval, devemos lembrar que ela regulava a atividade sexual dos casais dentro do casamento, permitindo assim que o sexo fosse praticado menos de uma vez por semana visando apenas à procriação, assim sendo, a única posição sexual permitida pela Igreja era a do “missionário” (atual papai e mamãe) onde a mulher se estabelecia em baixo do homem mantendo uma posição totalmente passiva, enquanto o homem acima dela, desempenhava o papel ativo e dominante. Para os cristãos, ela é a única posição apropriada porque, segundo são Paulo, a mulher deve sujeitar-se ao marido. O recato entre quatro paredes era tamanho que, em alguns lares mais tradicionais, o casal transava com um lençol com um furo no meio.

Dentre as varias indagações surgidas durante a pesquisa ao analisar as fontes, uma das que mais despertou inquietação foi a seguinte: De que forma as prostitutas viviam em uma sociedade onde os caminhos dignos atrelados ao sexo feminino estavam vinculados ou a virgindade (freira) ou ao casamento (mãe), onde a igreja defendia que não era possível considerar crime estuprar uma prostituta, já que como profissional do sexo ela não poderia recusar o estupro, onde a estabilidade matrimonial favorecia a burguesia, a aristocracia, a Igreja e os camponeses abastados, sendo a aventura sexual fora do casamento mal vista, pois colocaria em perigo os acordos de propriedade, a pureza da linhagem do sangue e a honra das famílias, onde o casamento é visto como uma armadilha, o fim da liberdade e o inicio da responsabilidade tendo como única saída a procura desesperada pelo sexo extraconjugal.

Analisando alguns dos valores que a igreja semeava podemos ressaltar: a virgindade, a castidade e o matrimônio.

Dentro da virgindade todos eram conduzidos a imitar a vida de Cristo e a de sua mãe Maria. Ambos eram utilizados como exemplos de um afastamento aos desejos carnis ao que foram recompensados por Deus. Maria era assim a genitora do messias,

---

<sup>209</sup>RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação: as minorias na idade média**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993. p. 36.

um exemplo de que o ser humano poderia ser sim escolhido pelo divino amor de Deus e ser assim um exemplo de alegria e que saborearia no paraíso das benesses do Pai. Já Cristo encarnação do verbo e filho de Deus, a perfeição humana. É a esta perfeição que todos eram conduzidos pelos exemplos que estavam relatados no sagrado livro.

Já a castidade era alimentada pelos exemplos dos santos que largavam seus lares e seus casamentos para viver uma vida de santidade. Um homem ou uma mulher que assim seguisse estes exemplos, que eram encontrados nas hagiografias, poderiam carregar a certeza de que teriam uma vida plena e farta das mais belas e infinitas bênçãos celestiais. Afastar-se do pecado tornaria o homem cada vez mais próximo de Deus.

E o matrimônio era a tecla mais batida pela igreja. Um homem que quisesse ter uma vida sexual correta e sagrada deveria escolher uma mulher e tomá-la como esposa. E após as bênçãos devidas tomava a posse dela e seguia mais algumas regras que deveriam nortear as noites do casal.

Nesse contexto histórico desfavorável, estão presentes as prostitutas que por um lado são vistas pela Igreja como um mau exemplo, já que vão de encontro ao paradigma da mulher digna virgem ou da mãe de família, mas por outro lado, são toleradas sendo vistas como um mal necessário para a sociedade, pois por intermédio delas os homens afloram os seus impulsos sexuais, evitando assim a ocorrência de estupros contra as mulheres “dignas”.

## **O MAIS ANTIGO OFÍCIO DO MUNDO**

Segundo Jacques Le Goff, a prostituição é considerada o mais antigo ofício do mundo.

As duas palavras que designavam o trabalho no medievo eram Opus e Labor. O Opus (A obra) é associado ao trabalho positivo criador e divino, enquanto o Labor (Pena) é associado ao trabalho negativo errôneo e penitente. Dentro desse duplo movimento de valorização e desvalorização do trabalho, as prostitutas enquadravam-se no trabalho laborioso, naturalmente considerado subalterno e desvalorizado, pois as suas praticas estavam relacionadas ao pecado, representado pelo sexo extraconjugal que não visava a procriação.

No medievo as prostitutas exerciam as suas atividades laborais em grandes ou pequenos bordeis comunais ou privados, banhos públicos e outros lupanares<sup>210</sup>. Nesses locais elas eram frequentemente violadas por grupos de jovens que buscavam com esses atos exercer e aguçar a sua virilidade, assim sendo, seus corpos sintetizavam as tensões sociais em um período onde as mulheres eram consideradas seres inferiores.

Vale salientar que os Bordéis presente em toda a Europa Continental onde as prostitutas consumavam o seu ofício eram dirigidos e construídos frequentemente com verbas municipais. Supervisores estipulavam os locais e as horas de prostituição e cobravam impostos das mulheres e dos cafetões. O mais famoso desses bordéis, o Casteletto, criado em Veneza por volta de 1350, atraía turistas sexuais de toda a Europa.

A maioria das cidades possuíam um bordel público. O bordel público de Tarascon, criado em 1374, foi ampliado antes do final do século e embelezado em 1449.

É bem verdade que as autoridades municipais tentaram regulamentar a prostituição para que os bordéis e saunas não se tornassem focos de contágio durante as epidemias e para que a população não fosse chocada por escândalo perto das igrejas. As saunas podiam pertencer a burgueses, até mesmo a instituições eclesiásticas. A abadia de Saint- Ettiéne de Dijon possuía as saunas Saint-Michel, o bispo de Langres, as da cidade. Os municípios as arredavam a 'abadessa' ou a um gerente que recrutava as meninas e zelava pela ordem no seio da pequena comunidade.

De acordo com Jacques Le Goff, um erotismo inteiramente particular denominado erotismo animalizado se desenvolvia no medievo, a sua principal característica, era a exacerbação do instinto animal inerente ao ser humano, bestializando-o, levando-o a atitudes irracionais, diante desse quadro “favorável”, em determinados momentos, as prostitutas aproveitavam-se dessa situação exercendo o seu labor nos locais mais inusitados como bosques, campos, florestas etc.

## **A RELAÇÃO ENTRE A PROSTITUIÇÃO E A IGREJA MEDIEVAL**

As relações existentes entre a Igreja medieval e a prostituição eram ambíguas, não estavam resumidas apenas a opressão e a uma certa tolerância, já que a prostituição era vista pela igreja como um mal necessário capaz de regular as tensões sociais associadas ao sexo, essas relações em determinados casos eram “consolidadas” por

---

<sup>210</sup> Lupanare: (em latim, lit. "covil de lobas") termo que designava prostíbulos na Roma Antiga.

membros da Igreja como monges, cônegos e padres. Como fica evidente na citação abaixo:

Em Dijon os membros da igreja formam 20% da clientela dos banhos públicos e dos bordeis privados. Seculares e regulares, monges de antigas ordens e mendicantes, cônegos, padres e dignitários. Alguns deles chegam a figurar nos grupos noturnos, outros disputam no bordel<sup>211</sup>

Diante desses casos que envolviam membros eclesiásticos residentes em Dijon, surgiu um sentimento de reprovação popular que implicou em uma possível maculação da reputação do clero, mesmo com essa ameaça, esses acontecimentos não eram considerados verdadeiros escândalos pela maioria dos fiéis. Em contraposição, era considerado um objeto de escândalo, a existência de padres que vivam em concubinato<sup>212</sup> ou se dedicavam a alcovitagem<sup>213</sup>, atraindo assim moças ou mulheres casadas. Esses comportamentos de membros da Igreja eram considerados escandalosos ate certo ponto como vemos abaixo:

Nessa sociedade, a fornicação era admitida para todos os solteiros; pois bem, a reverencia pelos seculares ou pelos monges de antigas ordens não era tanta que eles pudessem ser imaginados como dotados de virtudes heroicas; os maridos e pais preferiam ver os jovens clérigos vigorosos das igrejas urbanas frequentarem as casas publicas ou de tolerância antes que tentarem suas esposas ou filhas. É possível que eles rissem, porem não os condenavam.<sup>214</sup>

A prostituta era vista pela igreja como uma “assistente social”, já que auxiliava os homens na liberação de suas tensões sociais, testemunhando assim cotidianamente a miséria humana associada aos vícios sexuais.

Essa tolerância com a prostituição tem uma raiz teológica. Dois dos principais alicerces do pensamento cristão, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino defenderam que a Igreja deveria parar de se incomodar com os prostíbulo porque eles seriam essenciais à ordem pública. Se proibirem a prostituição, o mundo será convulsionado pela luxúria.

São Tomás de Aquino, em sua obra-prima, a Suma Teológica, do século XIII, tem um raciocínio parecido. Ele concorda que a prostituição é um pecado capital, mas acha melhor deixar esse tipo de vício para o julgamento divino.

Donos de bordéis, ao lado de banqueiros, foram por muito tempo proibidos de

---

<sup>211</sup> ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991. p.48.

<sup>212</sup> **Concubinato**: união livre e estável de um homem e uma mulher que não são casados um com o outro; amasio.

<sup>213</sup> **Alcovitagem**: servir (a alguém) de medianeiro em relações amorosas; arranjar amantes (para alguém).

<sup>214</sup> ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991. p.48.

entrar em igrejas. A mulher desses profissionais só poderia frequentar a casa de Deus se admitisse, em público, que execrava a profissão do marido.

De acordo com um relato de 1509, havia em Veneza 11 mil prostitutas, o que correspondia a 10% da população da cidade. O número é certamente um exagero, mas mostra a percepção da época quanto à popularidade da profissão.

As prostitutas da Idade Média eram muito mais exposta do que hoje. As doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez indesejada eram obstáculos que foram superados por elas. É claro que essas mulheres engravidavam, isso era algo inevitável. No entanto, existem histórias que afirmam que as prostitutas eram inférteis graças à sujeira extra que ficava acumulada no útero, sugerindo que as prostitutas desenvolveram métodos agressivos de contracepção. Sabe-se também que algumas mulheres se especializaram no fornecimento de ervas abortivas. Em um caso que acontece na Alemanha, no século dezesseis, uma ex-prostituta era conhecida por fornecer para outras mulheres ervas para "restaurar" a menstruação mensal.

## **A PROSTITUIÇÃO VISTA POR OUTRA PERSPECTIVA**

Como resultado de um longo processo que teve início por volta do século XIV, nos primeiros anos do século XV, a prostituição começava a ser vista por uma outra perspectiva. Como fica evidente na citação abaixo:

A prostituição oficial ou tolerada por todos os poderes aparece portanto como um produto natural das estruturas demográficas, de uma ordem e de uma moral. Exerce uma função mediadora. e tanto no bordel como as abbayes<sup>215</sup> são considerados instituições de paz, entre os grupos etários e grupos sociais.<sup>216</sup>

Durante o Século XIV, uma certa flexibilização em relação a sexualidade dos indivíduos começava a vigorar, mesmo mantendo-se até certo ponto no pensamento hegemônico da Igreja que é no matrimônio em uma sexualidade dominada pelo fiel, ritualizada pelas leis e sacralizada pelas intensões onde o ato carnal se reabilitava, começava a vigorar uma nova perspectiva sugerindo que a continência sexual não era por si mesma uma virtude, portanto a abstenção total do prazer carnal corrompia a

---

<sup>215</sup> Abbayes: Abadias em francês.

<sup>216</sup> ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991. p.53.

virtude e a espécie humana. Essa nova perspectiva fica evidente na citação de Frei Laurent<sup>217</sup>:

Alguns tipos (do pecado carnal) não são nem pecados mortais, pois são apenas movimentos da carne que não podem ser evitados (...). Desde que esses movimentos não sejam alimentados por bebidas, maus pensamentos, etc. Segue-se uma enumeração dos pecados cuja ordem é reencontrada, imutável, em obras mais tardias: "Três faltas devem ser sempre evitadas: o pecado contra a natureza em sua pessoa ou em outro, cobiçar a mulher do próximo e ser desonesto no matrimônio."<sup>218</sup>

Vale salientar, que em uma sociedade onde eram praticados nas cortes principescas, jogos de amor no quarto das damas cobiçadas porém respeitadas, a satisfação dos desejos ocorriam nas salas baixas do palácio com as prostitutas que eram consideradas apenas objetos sexuais.

O conceito de amor medieval era o amor cortês. Podemos constatar que o seu surgimento ocorreu nas cortes ducais e principescas das regiões onde hoje se situa a França meridional, em fins do século XI, e que se propagou nas várias que enalteciam o "Ideal cavaleiresco". Na sua essência, o amor cortês era uma experiência contraditória entre o desejo erótico e a realização espiritual, um amor ao mesmo tempo ilícito e moralmente elevado, passional e autodisciplinado, humilhante e exaltante, humano e transcendente.

A teoria do amor cortês pressupõe uma concepção platônica e mística do amor, que pode ser resumida como: total submissão do enamorado à sua dama (por uma transposição do amor às relações sociais sob o feudalismo, o enamorado rende vassalagem à sua senhora), a amada é sempre distante, admirável e um compêndio de perfeições físicas e morais, o estado amoroso, por transposição ao amor dos sentimentos e imaginário religioso, é uma espécie de estado de graça que enobrece a quem o pratica, os enamorados são sempre de condição aristocrática, o enamorado pode chegar a comunicar-se com a sua inatingível senhora, após uma progressão de estados que vão desde o suplicante ("*fenhedor*", em occitano) ao amante ("*drut*"). Trata-se, frequentemente, de um amor adúltero. Por isso, o poeta oculta o objeto de seu amor substituindo o nome da amada por uma palavra-chave ("*senhal*") ou pseudônimo poético.

---

<sup>217</sup> Frei Laurent: Diretor de consciência dos filhos do rei da França Felipe, o Ousado.

<sup>218</sup> ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991. p.75.

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG**

Em meados do século XIV, a fornicção<sup>219</sup> foi dividida em duas categorias, a primeira classificada como fornicção qualificada correspondia ao pecado da luxúria, englobava crimes públicos como raptos, adultério, incestos etc. A segunda classificada como fornicção simples, sem dúvida um pecado, porém unicamente a frequência exagerada era reprovada severamente. Dentre as duas fornicções a aceita pela Igreja era a fornicção simples, que foi desassociada de maldições que duramente tanto tempo a tinha perseguido. Como podemos constatar na citação abaixo:

Após a reforma e a repulsão do concubinato, a fornicção simples pareceu para os doutores da Igreja infinitamente menos perigosa, pelo menos quando era cometida por solteiros com mulheres realmente livres de qualquer vínculo, pois em caso contrário o jovem expunha-se a uma falta grave. Por isso Frei Laurent em sua *somme*, raciocinando de maneira um pouco teórica, ensina que o pecado da carne fora do matrimônio é mais grave se cometido com mulheres comuns do que com pessoas normais completamente livres “por que tais mulheres (as meretrizes) algumas vezes são casadas e não recusam nem irmão, nem primo. nem filho nem pai”<sup>220</sup>

Segundo São Tomas de Aquino, a consumação da fornicção simples deveria ser executada com uma mulher que certamente não pertencia ao pretendente, e sim quem era comum a todos. Nessas relações seguiram-se severamente as regras estabelecidas pelos eclesiásticos, como pode ser constatado na citação abaixo:

Alugar seu corpo por dinheiro e não por prazer. 2. estar livre de qualquer vínculo; portanto teoricamente estranha a cidade onde exercia o ofício, solteira ou viúva. Por essa razão, na prostituição pública de Florença, Dijon, Avignon ou Tarascon, encontra-se no século XV uma alta proporção de estrangeiras.<sup>221</sup>

Fica evidente que para a Igreja a fornicção simples com prostitutas públicas não causava nenhuma consequência grave em matéria espiritual.

## **CONCLUSÃO**

Segundo Jacques Rossiaud:

Se, no final do século XIV, “os homens temiam as mulheres” (G. Duby), seus netos dos anos 1450 agiam com mais tranquilidade. Escutemos novamente os operários de Lyon, da Borgonha e da Provença; eles vão ao

---

<sup>219</sup> Fornicação: Ato ou efeito de *fornicar*. Ter relações sexuais por puro prazer, para satisfazer os desejos da carne. Coito carnal.

<sup>220</sup> ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991. p.76.

<sup>221</sup> ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991. p.76.

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG**

bordel “diverti-se”, “passar bem”, “sentir prazer”, pois a “natureza os impele”, a “natureza os obriga”<sup>222</sup>

Ao produzir esse artigo, nos propusermos analisar a relação existente entre a prostituição e a Igreja Medieval, concluímos assim de forma satisfatória essa pesquisa constatando que a prostituição vista pela Igreja como um mal necessário, foi sendo paulatinamente aceita, tanto pela sociedade quanto pela Igreja durante o medievo.

Mesmo a sociedade medieval vendo-as de forma preconceituosa, segregando-as e marcando-as buscando diferencia-las das mulheres descentes, as prostitutas, que contribuíam na manutenção da ordem, tinham o seu lugar garantido devido a sua importância social. Embora algumas prostitutas terminassem suas carreiras na miséria, um certo número delas conseguiu se reinserir na sociedade, casando com parceiros. Em Poitou, Ettiéne Giboin, homem sem fé e sem lei desposou 'uma mulher de muito má vida, censurada e publicamente difamada por seu corpo'. Em Beaucaire, em 1480, um trabalhador casou-se com uma moça de bordel e o contrato assinado diante do notário indicava a situação dela.

Além disso, algumas prostitutas queriam se passar por burguesas e se vestir como elas, apesar das proibições - numerosas, prova de que elas não eram observadas. Em Paris, no começo do século XV, era proibido às moças de pouca virtude exibir sobre o vestido e o penteado botões de prata ou dourados, pérolas, cintos de ouro e de prata, saias ousadas, casacos forrados de pele de esquilo e fivelas de prata nos sapatos.

Quando iam à igreja, escreveu um cronista, levavam grossos livros que incapazes de ler por serem analfabetas. Entretanto, ficou impossível distingui-las das mulheres pudicas.

Uma nova era emergia no século XVI: a instituição se desmantelou. A proibição de todas as casas foi proclamada pelo decreto de Orléans de 1561. Mas muitas das casas municipais já tinham fechado suas portas antes disso.

As razões dessa evolução são muitas e complexas. Associava-se a prostituição mais à peste e ao contágio em geral do que às doenças venéreas. Junte-se a isso a política repressiva dos reis da França e os fatores demográficos.

Assim, no fim da Idade Média, a prostituição era aceita, institucionalizada até, porque ela afastava os homens das mulheres honestas e evitavam que eles se tornassem homossexuais. Evidentemente, a má conduta era malvista, e com respeito às prostitutas

---

<sup>222</sup> ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991. p.99.

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG**

existia uma atitude ambivalente. Contudo, embora a doutrina cristã proibisse as relações sexuais fora do casamento, e mesmo em seu interior as considerasse um mal indispensável para procriar, a prostituição floresceu.

### **REFERÊNCIAS**

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação: as minorias na idade média**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993

ROSSIAUD , Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991.

LE GOFF, Jacques. **Uma historia do corpo na idade media**. Le Goff, Jacques/ Nicolas Truong; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

MOORE, John C. inicia assim sua revisão do histórico e das armadilhas da expressão: "a origem da expressão 'amor cortês' é geralmente colocada em um dos dois séculos, o XIX ou o XX" (MOORE, John C., "*Courtly Love*": A Problem of Terminology". **Journal of the History of Ideas**, 40.4 (Outubro de 1979).

DITMORE, Melissa Hope. **Encyclopedia of Prostitution and Sex Work**. 2006.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. v. I, parte I. 2ª ed. São Paulo: Edições. Loyola, 2001.